

ARTICULAÇÃO







LINGUAGENS

OUTUBRO | 2024 EDIÇÃO Nº 4

CENSURA A LIVROS

Bem-vindo ao Articulação Linguagens

INSTRUÇÕES DE USO

- Clique nos elementos com o ícone  para acessar conteúdos extras.
- Clique nos elementos com o ícone  para acessar as respostas das questões.
- Palavras em **destaque** possuem conteúdo extra que pode ser acessado ao ser clicado.
- Todos os sites citados possuem *hiperlink* e podem ser acessados com um *click* sobre ele.
- Você pode navegar pelas páginas seguindo o Sumário ou pela barra superior de navegação.    

INICIAR 

OUTUBRO | 2024 EDIÇÃO Nº 4

BNCC 



FIQUE

SA
BEN
DO!

DIÁ
LOGO
ABERTO

INFO
GRÁ
FICO

REFLE
XÃO
NA PRÁTICA

RE
SE
NHA

EXPE
DIENTE

ARTI CULA ÇÃO

LINGUAGENS

OUTUBRO | 2024 EDIÇÃO Nº 4

BNCC

CENSURA A LIVROS

FIQUE

**SA
BEN
DO!**

SAIBA MAIS SOBRE
O TEMA DESTA EDIÇÃO.



A **FIQUE** **SA
BEN
DO!**

Sobre liberdade de
expressão

B **FIQUE** **SA
BEN
DO!**

A censura aos livros é o
avesso da inteligência

C **FIQUE** **SA
BEN
DO!**

O ABC da proibição de livros

D **FIQUE** **SA
BEN
DO!**

Em defesa do livro

CENSURA A LIVROS

**ARTI
CULA
ÇÃO**

LINGUAGENS

OUTUBRO | 2024 EDIÇÃO Nº 4

BNCC

FIQUE

SA
BEN
DO!

SAIBA MAIS SOBRE
O TEMA DESTA EDIÇÃO.



A

Sobre liberdade de expressão

A escritora nigeriana fala sobre os riscos que a censura representa à literatura.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi Sobre liberdade de expressão.

Quatro cinco um. 1ª mar. 2023.

Disponível em: <https://quatrocinco.um.com.br/artigos/politica/sobre-liberdade-de-expressao/>.

Acesso em: 21 ago. 2024.

CENSURA A LIVROS

ARTI
CULA
ÇÃO

LINGUAGENS

OUTUBRO | 2024 EDIÇÃO Nº 4

BNCC

A

FIQUE

SA
BEN
DO!

SAIBA MAIS SOBRE
O TEMA DESTA EDIÇÃO.



B

A censura aos livros é o avesso da inteligência

Esse assunto foi tema de um documentário realizado nos Estados Unidos e é analisado nesta coluna da professora Marisa Midori.

CENSURA A LIVROS

ARTI
CULA
ÇÃO

LINGUAGENS

OUTUBRO | 2024 EDIÇÃO Nº 4

BNCC

B

FIQUE

SA
BEN
DO!

SAIBA MAIS SOBRE
O TEMA DESTA EDIÇÃO.



C

O ABC da proibição de livros

A centenária Grace Linn e as crianças dos Estados Unidos se expressam contra a proibição de livros.

O ABC da Proibição de Livros. Produção: Estúdio Viacom. 2023. Vídeo (27min). Disponível em: <https://www.primevideo.com/-/pt/detail/O-ABC-da-Proibi%C3%A7%C3%A3o-de-Livros/OMRREPPXLBFI8EOI1G47HZWL2Z>. Acesso em: 28 ago. 2024.

CENSURA A LIVROS

ARTI
CULA
ÇÃO

LINGUAGENS

OUTUBRO | 2024 EDIÇÃO Nº 4

BNCC

C

FIQUE

SA
BEN
DO!

SAIBA MAIS SOBRE
O TEMA DESTA EDIÇÃO.



D

Em defesa do livro

No *podcast* 451 MHz, os escritores Jeferson Tenório e Airton Souza falam sobre o que está por trás da tentativa de censura aos seus romances premiados.

CENSURA A LIVROS

ARTI
CULA
ÇÃO

LINGUAGENS

OUTUBRO | 2024 EDIÇÃO Nº 4

BNCC

D

CONHEÇA A OPINIÃO DE
QUEM ESTUDA O ASSUNTO.

Fósforos riscados: a censura aos livros ao longo da história

Será que deixamos de queimar livros? As fogueiras podem ter se apagado, mas a censura ainda cerca a literatura, como mostram os casos recentes envolvendo as obras brasileiras contemporâneas:

O avesso da pele, de Jeferson Tenório, e **Outono de carne estranha**, de Airton Souza. A censura aos livros não é um entrave novo: desde a Grécia antiga, tida como o berço da civilização ocidental, ideias são cerceadas por serem consideradas nocivas.

Quando se trata de censurar livros, o Brasil tem um histórico atroz, que envolve governos totalitários, como o Estado Novo (1937-1945), a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) e uma série de violências, que vão desde o atentado à bomba direcionado a uma editora até um clássico de nossas letras sendo queimado em praça pública.

Parece difícil de acreditar? Pois em 1968, ano da promulgação do AI-5 (Ato Institucional que recrudescer a ditadura militar brasileira), manifestantes da Aliança Anticomunista Brasileira atiraram uma bomba contra o portão da editora Civilização Brasileira, no Rio de Janeiro, por considerá-la “um dos principais redutos de divulgação da doutrina comunista em nossas terras”.

Da mesma forma, é impensável que um grande conhecido das salas de aula de Literatura, **Capitães da areia** (1937), de Jorge Amado, foi queimado em praça pública em Salvador, com obras de outros importantes escritores de nossa história, como José Lins do Rego, autor de **Menino de Engenho** (1932). Oitocentos e oito exemplares do romance de Jorge Amado, que conta a trajetória de meninos pobres nas ruas da capital baiana, foram à fogueira sob o pretexto de “propaganda comunista”.



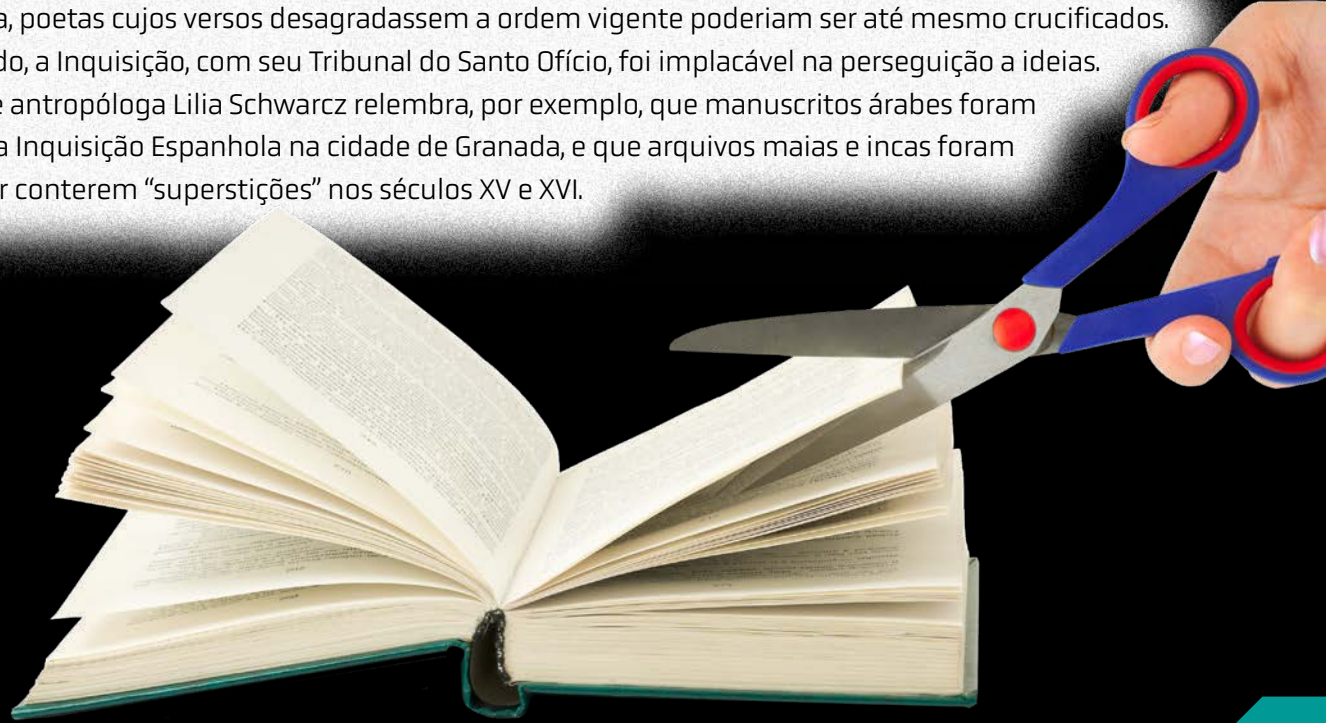


Um clássico do “Romance de 30”, quando a literatura brasileira se voltou à denúncia de realidades sociais, **Capitães da Areia** já vendeu mais de 5 milhões de cópias. Mas seu autor não passou impune: Jorge Amado foi perseguido e preso diversas vezes entre 1936 e 1945, em razão de sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro. O mesmo aconteceu com Graciliano Ramos, outro representante da Geração de 1930, que registrou a experiência no livro **Memórias do Cárcere** (1953).

A perseguição a escritores como Jorge Amado e Graciliano Ramos comprova a tese de Heinrich Heine, poeta alemão do século XIX. Em uma de suas obras, ele escreve: “Onde se queimam livros, acabam-se queimando pessoas”. Não precisamos interpretar a sentença de Heine em um sentido literal. O importante é a sua essência: onde há a repressão à literatura, há a repressão a autores e suas ideias.

Um excuro histórico pela censura pode nos mostrar isso. Começamos no século V a.C., na Grécia antiga. Atenas é o berço da democracia, de onde vieram filósofos e escritores de grande relevância para a Antiguidade. Um deles, Protágoras, teve suas obras queimadas por ofender a religião vigente na Pólis. Já Sócrates, nome conhecido da Filosofia Clássica, foi acusado de “corromper os jovens com suas ideias”. O filósofo preferiu morrer a renunciar aos seus questionamentos.

Na Roma antiga, poetas cujos versos desagradassem a ordem vigente poderiam ser até mesmo crucificados. Do mesmo modo, a Inquisição, com seu Tribunal do Santo Ofício, foi implacável na perseguição a ideias. A historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz relembra, por exemplo, que manuscritos árabes foram queimados pela Inquisição Espanhola na cidade de Granada, e que arquivos maias e incas foram incendiados por conterem “superstições” nos séculos XV e XVI.



Capas de alguns livros censurados no Brasil.

Schwarcz defende que a queima de livros e de bibliotecas é um método de governos autoritários. Além disso, podemos perceber como o ato de queimar um livro é simbólico, por destruir as ideias que ele contém. Temos um apagamento cultural, uma vez que o livro, como objeto da cultura de um povo, representa sua memória e seu patrimônio. Assim, percebemos as razões pelas quais regimes autoritários e colonizadores temem a literatura e buscam apagar seu conteúdo.

No século XX, a situação ganha novos contornos. A relação entre a censura e regimes autoritários torna-se mais evidente quando, em 1933, os nazistas promovem a grande “queima de livros” na Alemanha, a mando de Joseph Goebbels, ministro da Propaganda e do Esclarecimento Popular. A medida visava submeter as artes aos interesses do nazifascismo e apagar sinais da contribuição de judeus e comunistas na cultura alemã. Estima-se que 17 milhões de livros foram queimados pelo Terceiro Reich. A lista contava com nomes de autores como Thomas Mann, Albert Einstein, Karl Marx, Franz Kafka e Sigmund Freud.

Freud, intelectual judeu e considerado o “pai da Psicanálise”, respondeu ao episódio com uma célebre frase: “Que progresso estamos fazendo! Na Idade Média teriam queimado a mim; hoje em dia, eles se contentam em queimar meus livros”. Como temos visto, regimes totalitários — como o Nazismo — não se contentam em queimar livros: a Alemanha, sob o Terceiro Reich, promoveu o genocídio de seis milhões de judeus, além de levar aos campos de concentração outros grupos sociais e políticos, contrários à ideologia nazista. A queima de livros pode ser pensada, por esse prisma, como o apagamento da memória sociocultural desses grupos.

No Brasil, destacamos dois momentos históricos em que a censura foi institucionalizada. Primeiro, durante o Estado Novo — regime autoritário de traços fascistas instaurado por Getúlio Vargas, a que já aludimos —, com a queima de livros em praça pública, como o caso de **Capitães da Areia**.

Contudo, o cerceamento foi ainda mais intenso durante a ditadura civil-militar (1964–1985). Em 1968, com a promulgação do AI-5, filmes, peças de teatro, letras de música e livros tornaram-se alvo de censura. O ato só foi cessado mais

de uma década depois, em 1979. Durante esse período, mais de 200 obras literárias foram censuradas. Em seu livro de memórias **1968: o ano que não terminou** (1989), o escritor e jornalista Zuenir Ventura relembra como o AI-5 foi um marco da repressão do governo autoritário.



Em 1970, com a instalação do Serviço de Censura de Diversões (SCDP), em Brasília, foi instaurada a censura prévia, ou seja, antes mesmo de o livro começar a ser produzido em larga escala. Com receio de prejuízos financeiros futuros, muitas editoras já começaram a selecionar quais obras seriam publicadas, iniciando uma autocensura.

Segundo o Decreto de Lei 1077/70, “Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes”. Durante a década de 1970, seriam censurados romances como **Zero** (1974), de Ignácio de Loyola Brandão, e **Em câmara lenta**, de Renato Tapajós. Outro caso interessante foi a proibição de **Feliz Ano Novo**, coletânea de contos de Rubem Fonseca, autor que apoiou o golpe militar e era simpatizante da ditadura.

Adaptações cinematográficas de obras literárias também sofreram censura durante os anos do regime militar. Filmes como **Macunaíma** (1969) e **São Bernardo** (1972) — com base nos livros, respectivamente, de Mário de Andrade e Graciliano Ramos — tiveram suas estreias adiadas ou só puderam ser exibidos com vários cortes. Já a telenovela **Roque Santeiro** (adaptada do texto teatral **O berço do herói**, de Dias Gomes), que deveria ter ido ao ar em 1975 na Rede Globo, teve sua exibição proibida.

Os anos passaram, mas o impulso de banir livros continua. Em 2018, um grupo de pais de um tradicional colégio carioca revoltou-se com a indicação do romance infantojuvenil **Meninos sem pátria** (1981), de Luiz Puntel, por suposta “doutrinação comunista”. O livro, que narra a trajetória dos filhos de um jornalista perseguido pela ditadura, é um clássico da coleção Vagalume.

Em 2023, o romance **Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios**

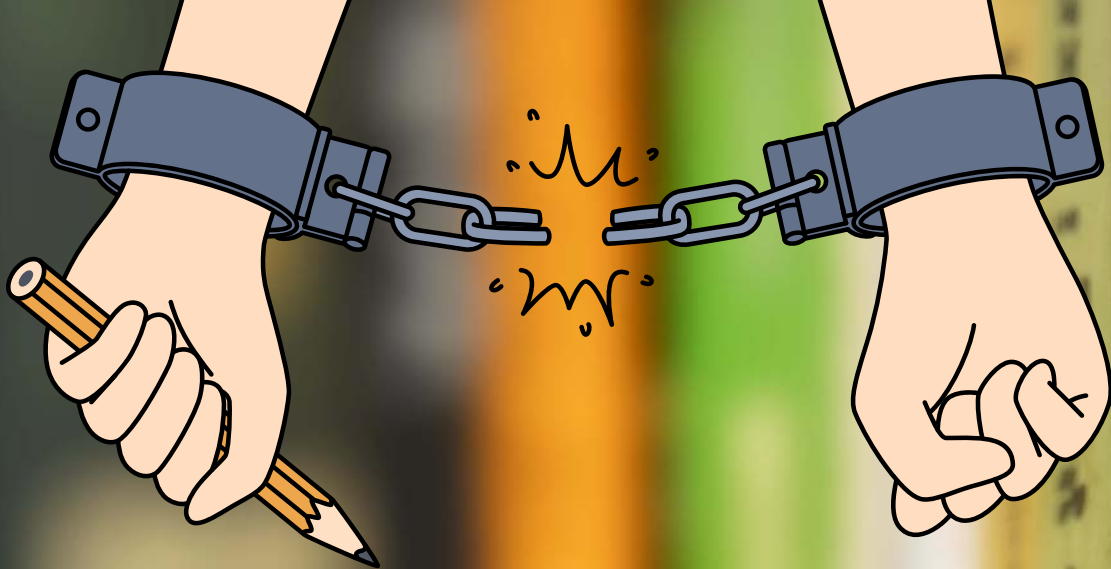
(2005), de Marçal Aquino, foi retirado da lista de leituras obrigatórias do vestibular de uma universidade de Goiás, após o deputado Gustavo Gayer promover uma campanha contra o livro, considerando-o “pornográfico”. Apenas um ano antes, casos de censura chamaram a atenção nos Estados Unidos. **Meio sol amarelo**, romance da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie que retrata os horrores da guerra civil de seu país, foi banido de salas de aula, assim como a HQ **Maus**, de Art Spiegelman, que referencia o Holocausto.

Gender Queer, *graphic novel* em que Maia Kobabe relata sua experiência como pessoa LGBTQIA+, tornou-se um dos livros mais banidos dos Estados Unidos. A censura à HQ ressoa um episódio brasileiro: na Bienal do Livro de 2019, o então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, ordenou a retirada de circulação dos quadrinhos **Vingadores: a cruzada das crianças**, por conter um beijo entre dois homens na capa do volume.

Já em 2024, **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório, foi removido das escolas do Mato Grosso do Sul, do Paraná e de Goiás sob a justificativa de apresentar “expressões impróprias” para menores de 18 anos. Vencedor do Prêmio Jabuti, o romance aborda temas como o racismo, a violência policial e a relação entre pais e filhos.

Ainda neste ano, outra obra de destaque, **Outono de carne estranha**, de Airton Souza (laureado com o Prêmio Sesc de Literatura), sofreu tentativa de cerceamento após uma leitura na Flip (Festa Literária Internacional de Paraty). Henrique Rodrigues, então diretor do prêmio, acusou o Sesc de tentar censurar o romance, que narra o amor entre dois garimpeiros em Serra Pelada.





Os recentes ataques aos livros, tanto no Brasil quanto no exterior, vão ao encontro de uma pesquisa conduzida pela PEN America, ONG que atua na proteção da liberdade de expressão nos Estados Unidos, na defesa da literatura e dos direitos humanos. Segundo o levantamento da organização, a literatura censurada geralmente aborda temáticas relacionadas a identidade racial e de gênero, sexualidade, LGBTQIA+, racismo, violência e justiça social.

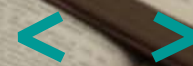
Uma obra tornou-se símbolo da caça aos livros no século XX. Em 1953, o escritor estadunidense Ray Bradbury lançou o romance distópico de ficção científica **Fahrenheit 451**. Na trama, bombeiros são responsáveis por causar incêndios — e não por apagá-los —, pois os livros são proibidos e devem ser incinerados.

Fahrenheit 451 evidencia que temer os livros é temer o pensamento crítico. Quando se trata de censurar obras literárias, ainda há muitas pessoas dispostas a riscar os fósforos. Bradbury considera que não é preciso queimar um livro para destruir uma cultura, basta não o ler. Como apresentamos, a censura é um entrave histórico, que vem mostrando novas formas ao longo dos séculos. Felizmente, a literatura resiste. ▀



Sobre a autora

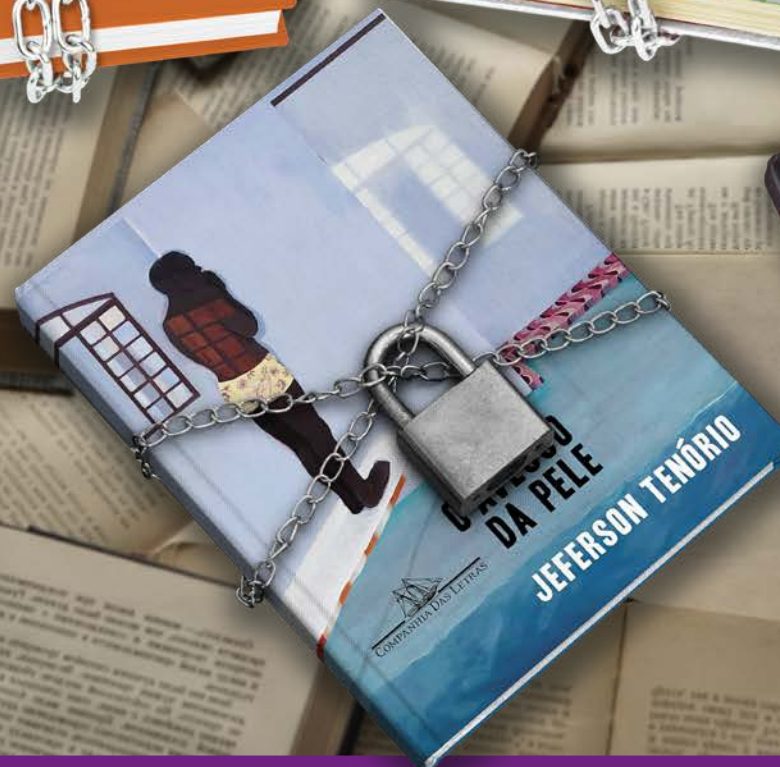
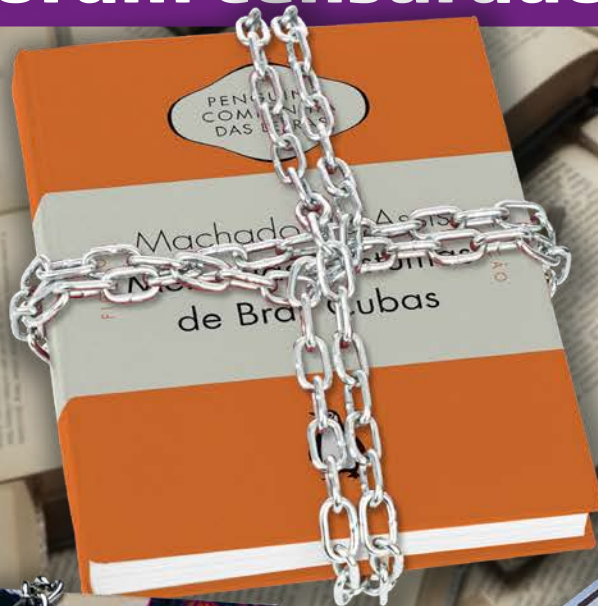
< **Giovana Proença** é pesquisadora na área de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo, instituição na qual se graduou em Letras e agora é doutoranda. Tem pós-graduação em Literatura, Artes e Filosofia pela PUC-RS. Seus textos sobre livros estão publicados em jornais e revistas como Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Quatro cinco um e Cult. É autora do romance **Os tempos da fuga** (Urutau, 2023).



INFO
GRÁFICO



Ler para não temer: conheça livros que foram censurados no Brasil dos nossos dias

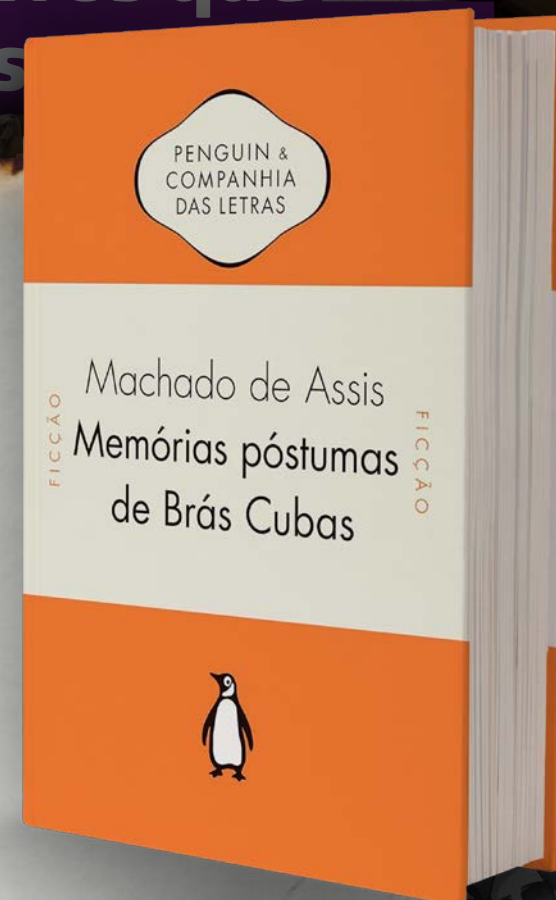




Ler para não temer: conheça livros que foram censurados no Brasil dos

Memórias Póstumas de Brás Cubas - Machado de Assis (1881)

Um dos maiores clássicos da literatura em língua portuguesa, a narrativa que acompanha um defunto autor, Brás Cubas, foi censurada pela Secretaria de Educação de Rondônia, em fevereiro de 2020. Foram recolhidos cerca de 43 títulos das escolas da rede pública de ensino estadual, por supostamente conterem “conteúdo inadequado às crianças e adolescentes”. Depois, a medida foi revogada.



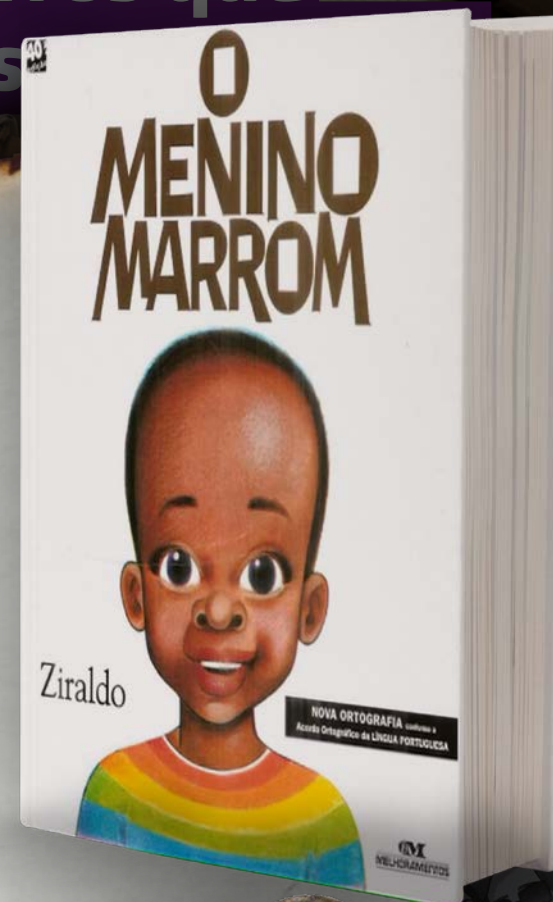


Ler para não temer: conheça livros que foram censurados no Brasil dos

O menino marrom - Ziraldo (1986)

Um dos livros mais importantes de Ziraldo, a narrativa apresenta a relação de amizade de duas crianças, uma preta e outra branca. O livro é um dos mais trabalhados nas escolas para o público infantil.

Neste ano, 2024, os pais de alguns alunos de uma escola em Minas Gerais se incomodaram com alguns trechos do livro, afirmando que o conteúdo da obra é agressivo. A obra, na verdade, viabiliza discussões importantes sobre respeito às diferenças e igualdade.



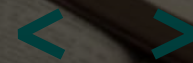


Ler para não temer: conheça livros que foram censurados no Brasil dos

Meninos sem pátria - Luiz Puntel (1988)

O livro se passa durante a ditadura militar brasileira e faz parte da série Vagalume, coleção de livros destinados ao público infantojuvenil que é referência há décadas nas escolas brasileiras. A obra foi banida de uma escola no Rio de Janeiro, no ano de 2018, após um grupo de pais e responsáveis acusá-la de propagar ideias comunistas.





Ler para não temer: conheça livros que foram censurados no Brasil dos

O avesso da pele - Jeferson Tenório (2020)

A trama narra a trajetória de um rapaz, Pedro, que teve seu pai, um professor de Literatura, assassinado em uma abordagem policial. O livro entrou para o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e foi vencedor do Jabuti de 2021, como melhor romance.

Recentemente, a Secretaria de Estado da Educação do Paraná solicitou o recolhimento das cópias do livro da rede pública de ensino.



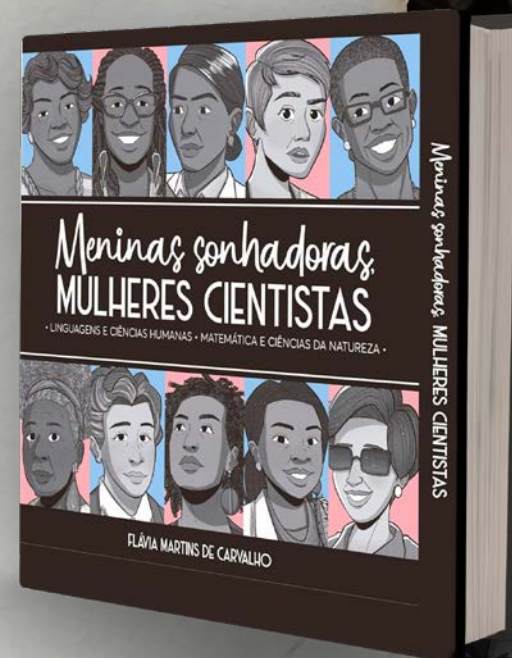


Ler para não temer: conheça livros que foram censurados no Brasil dos nossos dias

Meninas sonhadoras, mulheres cientistas - Flávia Martins (2023)

De maneira bastante poética, a autora Flávia Martins apresenta a biografia de 20 mulheres com histórias inspiradoras, de sucesso e de superação, sendo ela mesma uma mulher talentosa e inspiradora. A maioria das mulheres elencadas é negra e brasileira, mas mulheres indígenas, brancas e estrangeiras também recebem destaque. As personalidades que compõe o livro atuam em diversas áreas, mas todas unem suas atividades profissionais com ações sociais.

Em junho desse ano, 2024, a prefeitura de São José dos Campos, em São Paulo, censurou e mandou recolher das escolas da rede pública o livro com a acusação de que o livro faz apologia ao aborto.



**INFO
GRÁFICO**



Ler para não temer: conheça livros que foram censurados no Brasil dos nossos dias

Memórias Póstumas de Brás Cubas - Machado de Assis (1881)

Um dos maiores clássicos da literatura em língua portuguesa, a narrativa que acompanha um defunto autor, Brás Cubas, foi censurada pela Secretaria de Educação de Rondônia, em fevereiro de 2020. Foram recolhidos cerca de 43 títulos das escolas da rede pública de ensino estadual, por supostamente conterem “conteúdo inadequado às crianças e adolescentes”. Depois, a medida foi revogada.

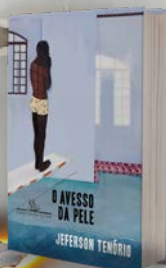


Um dos livros mais importantes de Ziraldo, a narrativa apresenta a relação de amizade de duas crianças, uma preta e outra branca. O livro é um dos mais trabalhados nas escolas para o público infantil. Neste ano, 2024, os pais de alguns alunos de uma escola em Minas Gerais se incomodaram com alguns trechos do livro, afirmando que o conteúdo da obra é agressivo. A obra, na verdade, viabiliza discussões importantes sobre respeito às diferenças e igualdade.

O menino marrom - Ziraldo (1986)

Meninos sem pátria - Luiz Puntel (1988)

O livro se passa durante a ditadura militar brasileira e faz parte da série Vagalume, coleção de livros destinados ao público infantojuvenil que é referência há décadas nas escolas brasileiras. A obra foi banida de uma escola no Rio de Janeiro, no ano de 2018, após um grupo de pais e responsáveis acusá-la de propagar ideias comunistas.

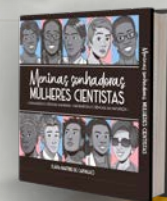


A trama narra a trajetória de um rapaz, Pedro, que teve seu pai, um professor de Literatura, assassinado em uma abordagem policial. O livro entrou para o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e foi vencedor do Jabuti de 2021, como melhor romance. Recentemente, a Secretaria de Estado da Educação do Paraná solicitou o recolhimento das cópias do livro da rede pública de ensino.

O avesso da pele - Jeferson Tenório (2020)

Meninas sonhadoras, mulheres cientistas - Flávia Martins (2023)

De maneira bastante poética, a autora Flávia Martins apresenta a biografia de 20 mulheres com histórias inspiradoras, de sucesso e de superação, sendo ela mesma uma mulher talentosa e inspiradora. A maioria das mulheres elencadas é negra e brasileira, mas mulheres indígenas, brancas e estrangeiras também recebem destaque. As personalidades que compõe o livro atuam em diversas áreas, mas todas unem suas atividades profissionais com ações sociais. Em junho desse ano, 2024, a prefeitura de São José dos Campos, em São Paulo, censurou e mandou recolher das escolas da rede pública o livro com a acusação de que o livro faz apologia ao aborto.





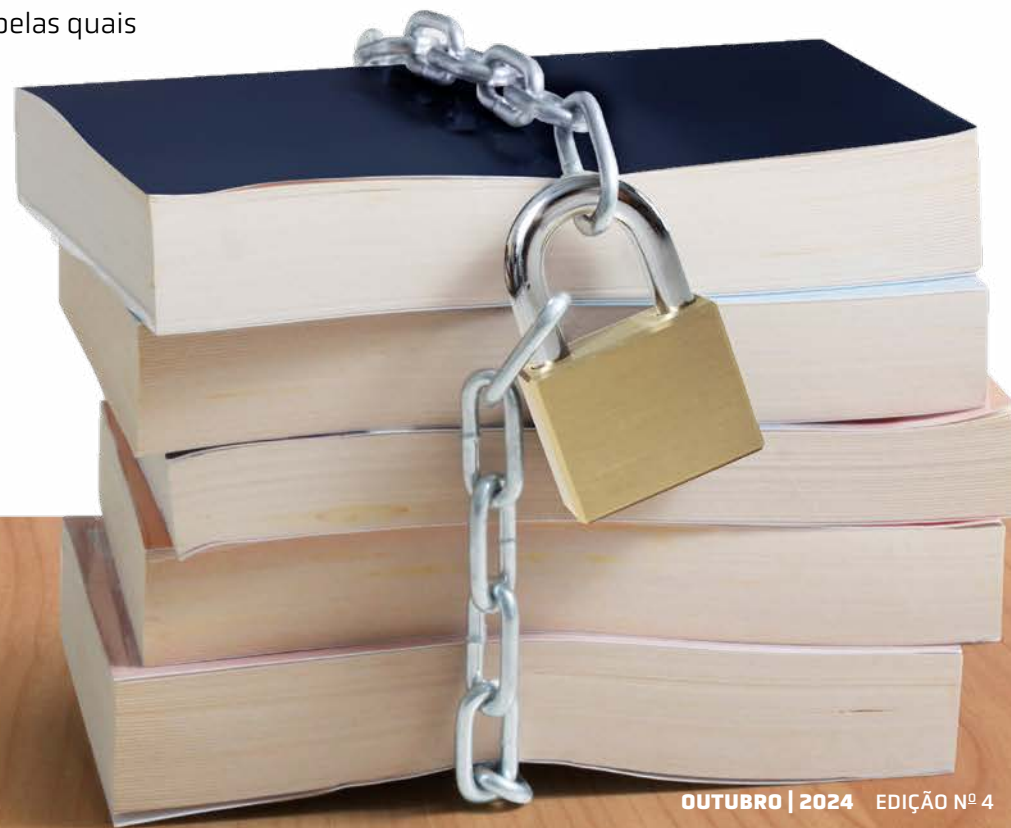
- A censura na literatura
- Panorama histórico da proibição de livros
- Regimes autoritários e a censura de livros
- A interdição aos livros no século XX

Organizando ideias

1. Tendo em mente o panorama histórico apresentado no texto, identifique a principal motivação por trás da censura a determinadas obras literárias. Compartilhe sua resposta com a turma, refletindo juntos sobre novos métodos de proibição de livros.
2. A censura à literatura costuma ser um procedimento de regimes autoritários. Com base na leitura do texto, localize dois momentos da história em que a censura aos livros operou de forma institucionalizada.
3. Aponte quais são as temáticas predominantes nos livros que sofrem censura no século XXI. Em seguida, juntem-se em duplas e discutam as razões pelas quais essas obras sofrem com o cerceamento.

Debate e reflexão

Dividam-se em quatro grupos, de modo que seja possível abordar a censura à literatura em diferentes momentos: Antiguidade, Idade Média, Modernidade e séculos XX e XXI. Cada grupo deve pesquisar métodos de proibição de livros no período histórico em questão e expor os resultados aos demais colegas, escolhendo uma das seguintes alternativas: vídeo, documentário ou *podcast*. Após as apresentações, escrevam um texto informativo, articulando no mínimo duas informações expostas pelos demais grupos.





V No vestibular

[UFRGS-2019]

Leia este trecho do texto **Censura-violência** [1979], de Antonio Candido [1918-2017].

>> Violência física e violência mental são na verdade violência social, como fica mais evidente neste fim de século especialmente bruto. Ela é fruto da desigualdade econômica, que requer força para se manter, porque sem força a igualdade se imporia como solução melhor, que na verdade é. Hoje, é espantoso ouvir e ler os pronunciamentos das autoridades de todos os níveis, que falam com veemência crescente que a miséria do povo é intolerável, que a concentração da riqueza deve ser mitigada, que a pobreza é um mal a ser urgentemente superado — não raro com estatísticas demonstrativas. É espantoso, porque até pouco tempo tais afirmações eram consideradas coisa de subversivos; e é espantoso porque isso é dito, mas quem diz faz tudo para que as coisas fiquem como estão, e para que os que querem mudar sejam devidamente enquadrados pela força. Não há dúvida de que a censura funciona como retificação, como dolorosa ortopedia feita para lembrar aos incautos a obrigação de não passar da demagogia à luta real pela democracia. A ideia, a palavra, a imagem podem ser instrumentos perigosos aos olhos dos que desejam apenas escamotear, operando conscientemente no plano da ideologia para abafar a verdade. Censura, portanto, e censura como arma para formar com outras o arsenal de manutenção da desigualdade — econômica, política, social. Por isso, mais em nosso tempo do que em outros, nos quais eram menos variados e atuantes os meios de expressão, devemos estar cada vez mais preparados para lutar contra a violência dentro da qual vivemos em todos os níveis. Inclusive a da censura.

Considere as seguintes afirmações sobre o trecho acima.

- I – O autor defende que a censura é uma forma de violência a serviço da manutenção da desigualdade econômica, política e social.
- II – O autor elogia as iniciativas de governo que têm verdadeiramente contribuído para a extinção da pobreza.
- III – O autor convoca o leitor a combater todas as formas de violência.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.



V Na hora da redação

A censura à literatura é um tópico que tem sido discutido dentro dos meios culturais brasileiros e do exterior, por conta de casos recentes que ganharam destaque na mídia. Isso abre margem para distintas possibilidades de recortes temáticos, no Enem e em vestibulares diversos. Lembre-se de sempre fundamentar sua argumentação, baseando-se em informações verídicas e verificadas. Destacamos, por exemplo, as ideias dos pensadores mencionados no texto da seção **Diálogo aberto**, como os escritores Heinrich Heine e Ray Bradbury, o psicanalista Sigmund Freud e a historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz. Também recomendamos dados levantados por organizações que lutam pela liberdade de expressão e pelo direito à literatura, entre elas a PEN America. Leia notícias sobre o tema — facilmente encontradas em veículos de grande circulação, como jornais e revistas. Argumentos históricos são sempre bem-vindos. Dentro

do tópico em questão, alguns períodos podem apoiar a fundamentação do texto: a ditadura civil-militar brasileira, o Estado Novo, a Alemanha nazista e a Grécia antiga.

É importante articular novas referências e o recorte temático com o seu próprio repertório sociocultural (Filosofia, Arte, Literatura) e conhecimento prévio. Considere como exemplos obras literárias, como o romance distópico **Fahrenheit 451**, de Ray Bradbury, e audiovisuais, como o documentário de curta-metragem **O ABC da proibição de livros**.

Por fim, para elaborar uma boa proposta de intervenção, pense em alternativas governamentais e parcerias público-privadas. Essas podem envolver espaços como escolas e bibliotecas, a fim de incentivar o senso crítico, a liberdade de expressão e o fortalecimento de uma literatura plural e inclusiva.



CONHEÇA O RESENHA

Acesse o Programa Resenha correspondente a este Articulação.

Cada Programa é pensado como uma extensão do tema aqui proposto.

Pensando na Competência Geral 5 da BNCC – Cultura Digital, o Resenha traz a visão de um especialista.

Nossos convidados são professores e profissionais das áreas abordadas e, na maioria das vezes, comunicadores ativos nas redes sociais, tratando cada tema com muita propriedade, mas num bate-papo, de forma leve.

Além do Programa, se quiser acessar os nossos vídeos curtos, eles podem te dar uma prévia do que você vai encontrar.

#CENSURANALITERATURA

RESENHA

PROGRAMA

Nessa edição, a apresentadora, roteirista e mediadora de clube de leitura @tatianyleite, do canal @valerumlivro, traz um panorama sobre o movimento de censura aos livros que acontece desde a antiguidade.

SHORTS

A censura de livros persiste no Brasil contemporâneo, com diversas justificativas. Recentemente, ordenou-se a retirada de livros premiados, como *Aveso da pele*, de Jeferson Tenório, e *Meio sol amarelo*, de Chimamanda Ngozi Adichie, de salas de aula.

O romance *Fahrenheit 451*, de 1953, é um clássico da ficção científica e simboliza a caça aos livros. A censura de livros não é algo exclusivo da ficção: a Alemanha nazista e o Estado Novo no Brasil queimaram obras de diversos autores. O que motiva essa queima de livros?

#QUEIMADELIVROS

#DISCURSODEPODER

EXPE DIENTE

ARTI
CULA
ÇÃO

LINGUAGENS

FTD
educação

Diretor-geral

Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor de Conteúdo e Negócios

Cayube Galas

Diretor Adjunto de Sistemas de Ensino

Júlio Ibrahim

Gerente de Produção e Fornecedores

Cláudio Espósito Godoy

Gerente de Conteúdo

Amanda Bonuccelli Voivodic

Editora

Luzia Estevão Garcia

Editor Assistente

Thiago Costa de Oliveira

Colaboradora

Amanda Cruz

Gerente de Eficiência e Analytics

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Supervisora de Fluxo e Qualidade

Letícia Bovolon Bezerra

Assistente de Fluxo

Camila Cassemiro Nunes

Coordenadora de Preparação, Revisão e Qualidade

Adriana Soares de Souza

Supervisora de Preparação e Revisão

Luciana Baraldi

Assistente Editorial

Carolina Genúncio

Preparadora

Solange de Araujo Gonçalves

Revisão

Eliana Medina

Coordenadora de Imagem e Texto

Marcia Berne

Imagem e Licenciamento

Equipe FTD

Coordenador de Produção e Arte

Fabiano dos Santos Mariano

Supervisor de Produção e Arte

Pedro Gentile

Projeto Gráfico

Bruno Attili
Carlos Feitosa Ferreira

Editores de Arte

Adriana Maria Nery de Souza
Carlos Feitosa Ferreira

Crédito das imagens e vídeos

[capa] GoodStudio/Shutterstock.com; [p.2] Nilart1/Shutterstock.com, kohanova1991/Adobe Stock, Acervo pessoal; [p.3] Editora Record, Global Editora, Tatiana Popova/Shutterstock.com; [p.4] Maisei Raman/Shutterstock.com; [p.5] Herzstaub/Shutterstock.com; [p.6] Vectorium/Shutterstock.com, marcinswiostek/Shutterstock.com; [p.7] maradon 333/Shutterstock.com, Wako Megumi/Shutterstock.com, Valery Evlakhov/Shutterstock.com, Tatiana Popova/Shutterstock.com, joingate/Shutterstock.com, Fadaway Creative/Shutterstock.com, Sergio Delle Vedove/Shutterstock.com, Ranilson/Adobe Stock, Editora Penguin & Companhia das Letras, Editora Melhoramentos, Editora Ática, Editora Companhia das Letras, Editora Mostarda; [p.8] violetkaipa/Shutterstock.com; [p.10] Zdenek Sasek/Shutterstock.com; [p.11] kanyanat wongsa/ Shutterstock.com, Primakov/Shutterstock.com